

O feminino e o paradoxo da perfeição

Márcia Maria de Melo Araújo

Doutora em Estudos Literários pela Universidade Federal de Goiás. Professora da Universidade Estadual de Goiás. Líder do Grupo de Estudo e Pesquisa em Literaturas de Língua Portuguesa (GEPELLP), certificado pelo CNPq, ao qual este artigo encontra-se vinculado. Membro da Associação Brasileira de Estudos Medievais (ABREM) e do GT de Estudos Medievais da ANPOLL.

marcimelo@gmail.com

Ged Guimarães

Pós-doutor pela Universidade do Minho, Braga, Portugal. Doutor em Educação pela Universidade Federal de Minas Gerais. Foi diretor da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Goiás no período de out./2006 a out./2010 e também professor dessa Faculdade no período de 1994 a 2014. Atualmente é professor da Universidade Estadual de Goiás, atuando no Curso de Pedagogia e no Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Educação, Linguagem e Tecnologias (PPGIELT).

gedh@bol.com.br

Resumo

O artigo traz uma reflexão a respeito da constituição do feminino na Idade Média e o paradoxo da perfeição, particularmente nos séculos XII e XIII, no que concerne à dualidade de *Eva* e *Maria*, e de como a segunda se impõe sobre a primeira, conforme a emersão da vida social sob batuta do mercador e, logo, do mercado. Esse tema desperta a atenção, pela relevância de aspectos sobre o comportamento e a história das mulheres e dos homens medievais, bem como sobre como eram as relações nos ambientes sociais e domésticos. Como resultado, a produção e o consumo, na sociedade feudal, representam uma economia fechada que busca satisfação de necessidades locais. No insurgente modo de vida mercantil, a aceleração do tempo e a redução do espaço levam à produção de artifícios técnicos introduzidos nas relações sociais para tornar a vida mais equipada e com isso aumentar o consumo e a produção.

Palavras-chave: Feminino. Idade Média. O Paradoxo da Perfeição.

The feminine and the paradox of perfection

Abstract

The article presents a reflection on the formation the feminine in the Middle Ages and the paradox of perfection, particularly in the twelfth and thirteenth centuries, regarding the duality of Eve and Mary, and as the second is imposed on the first, as the emersion of social life

under baton of merchant and soon the market. This theme arouses attention, the relevant aspects of the behavior and the history of medieval women and men, and how were the relationships in social and home environments. As a result, production and consumption, in feudal society, represent a closed economy that seeks satisfaction of local needs. In commercial insurgent way of life, the acceleration of time and space reduction lead to the production of technical devices introduced in social relations to make more equipped life and thus increase consumption and production.

Keywords: Feminine. Middle Ages. The Paradox of Perfection.

Introdução

Em muitas localidades da Europa medieval, particularmente no final do século XII e princípio do século XIII, inicia-se um novo modo de vida. Trata-se da forma de vida urbana, quase abandonada pela feudalização da sociedade romana¹. Enquanto nesta sociedade a produção econômica e toda a organização social estavam fundadas na suserania e vassalagem, na sociedade que se organiza sob o crivo urbano, a impessoalidade patriarcal das relações se impõe como uma exigência *quase* natural, pois um incipiente mercado já diz que o mundo deverá muito aos mais espertos, guiados por uma força que supostamente controlam: o dinheiro, expressão do valor. Será na cidade, e não no campo, o lugar para o sucesso individual. Segundo Duby,

As cidades, contudo, querem-se separadas da área rural. O burguês despreza os camponeses. E também os teme. Entrincheira-se contra eles. A cidade é um lugar protegido, com portas que se fecham cuidadosamente à noite, com muralhas que se modernizam com esses rápidos aperfeiçoamentos que favorecem a arquitetura militar tanto quanto a das igrejas. [...] Lugar da abundância, efervescente, a cidade é, para os moralistas da catedral, lugar de perdição. Dizem-na viciada pela cupidez, pela glotonaria e pela luxúria. É de fato um lugar de prazer, e todos os cavaleiros sonham prolongar sua estada aí.²

Quando no final do século XVIII a burguesia francesa manda para a guilhotina Luís XVI, ela não põe fim à hierarquia com marcas de pessoalidade, mas a redefine,

¹ O Império Romano mantinha sob seu controle grandes domínios territoriais, conseguindo controlar as invasões dos povos considerados bárbaros. Em 476 o Império é vencido e a nobreza se refugia no campo, onde estabelecem uma organização econômica fundada na subsistência, controle jurídico e descentralização política nas mãos dos senhores feudais.

² DUBY, Georges. *A Europa na Idade Média*. Trad. de Antônio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1988, p. 60-61.

pois, ao coroar Napoleão em 1804 não é a corte e sua etiqueta que comanda, mas os negócios. E se a burguesia põe a coroa na cabeça do segundo Napoleão, é o reluzente ouro que o conduz. Se a partir da revolução pode-se afirmar que *doravante* é o dinheiro que comanda, vamos localizar as suas bases fundantes nos séculos XII e XIII, período de recrudescimento das cidades e com elas um novo modo de agir e pensar.

Relações humanas x Relações sociais

É na cidade, e não no campo, que a forma contraditória da vida social se arranja de modo, senão evidente, passível de ser observado por olhos atentos, sobretudo dos homens da literatura e da filosofia. Eles interrogam o movimento, o curso das coisas, e procuram o que lhes dá sentido, ou seja, o que faz ser o que é, atribuindo às coisas o seu significado.

No âmbito da filosofia, Rousseau, por exemplo, referindo-se, não à sociedade de seu tempo, mas a construída pelo homem ao longo da história que, a rigor, só promove *embaraço e constrangimento*, pois não se fala a homens, mas a simulacros, imagina outra sociedade que desconhece a diferença entre ser e parecer. Trata-se de um homem inteiro e não esse fracionário que temos diante de nós ou ante o espelho, que fala a signos e não a homens. Saint Preux, personagem de Rousseau em *Nova Heloísa*, afirma:

Ter uma carruagem, um porteiro, um mordomo é ser como todo o mundo. Para ser como todo o mundo deve-se ser como pouquíssimas pessoas. Os que andam a pé não pertencem à sociedade, são Burgueses, homens do povo, pessoas do outro mundo e dir-se-ia que uma carruagem não é tão necessária para ser conduzido quanto para existir.³

Agora, na literatura, se tomamos, por exemplo, *O mercador de Veneza*, de Shakespeare, veremos nas personagens Antonio, Bassânio, Shyloch e Pórcia as relações humanas numa incipiente sociedade mercantil. Alguns críticos especulam uma possível relação homoerótica entre Bassânio e Antonio, em que este sofreria de amor não-correspondido por seu amigo. De qualquer modo o quadro ilustra a doutrina do

³ ROUSSEAU, Jean-Jacques. *A nova Heloísa*. Trad. de Fulvia M. L. Moretto. Campinas: Hucitec, 1994, p. 228.

amor enobrecedor, surgido tanto como uma idealização da situação em deterioração da baixa nobreza quanto como um fórum para a resolução da tensão intraclasse.

Contudo interessa, neste momento, que a obra apresenta detalhes do comportamento feudal de suserania e vassalagem, ora expresso na completa devoção de Antonio a Bassânio ora na fidelidade deste a Pórcia, e o dinheiro como expressão de valor, nas mãos de Shyloch. Antonio é um mercador tipicamente de comportamento medieval, aquele que empresta dinheiro sem cobrar juros. Pertence a uma sociedade de pouco senso comercial em que o lucro é considerado como moralmente duvidoso. Portanto vê o lucro como prática usurária. Já Shyloch sobrevive por meio de seus empréstimos, podendo representar, dentro desse contexto, o surgimento de uma tímida porém agressiva burguesia urbana, que vê no lucro uma prerrogativa da prática social.

Em uma cena muito sugestiva, Antonio pergunta a Shyloch se há como justificar a cobrança de juros, já que a mão de Deus tudo faz e guia. “Vossa prata e vosso ouro são, acaso, ovelhas e carneiros?” Shyloch responde: “Não vos posso dizer ao certo; mas os multiplico com a mesma rapidez”.⁴

Na sociedade feudal, a produção, e por decorrência o consumo, é local, o que constitui uma economia fechada, voltada para a satisfação das necessidades locais e não para a venda e o lucro.⁵ Por outras palavras, tanto a produção como a circulação não pressupunham o mercado, e sim o consumo. Aparentemente trata-se do óbvio, mas há substancial alteração, pois, ao se produzir para um mercado a finalidade é servi-lo, o que não é outra coisa senão uma abstração. E se a produção é para um sujeito abstrato, do mesmo modo a relação entre produtores e consumidores se faz na impessoalidade.

Nas cidades renascentes, quem estabelece o que produzir e como produzir não é, ainda, o mercador com as suas horas apressadas, mas o tempo da natureza, com o

⁴ SHAKESPEARE, William. *O mercador de Veneza*. Lisboa: Publicações Europa-America, 198-. (Coleção livros de bolso Europa-América, n.506), p. 89.

⁵ D’HAUCOURT, Geneviève. *A vida na Idade Média*. Trad. Marisa Déa. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

dia, as estações, guardados os feriados, que não eram poucos.⁶ Para Le Goff,⁷ o “tempo mensurável, mecanizado até, é o tempo do mercador, mas igualmente descontínuo, cortado por paragens, momentos mortos, afetado por acelerações e atrasos”. Todavia, o mercador, o que marca o novo tempo, é inexorável. O modo de vida nas cidades renascentes, a partir do século XII, já trazia, por assim dizer, a aceleração do tempo e a redução do espaço, sentidos, particularmente, na forma como se produz as coisas, os objetos, que, por assim dizer, torna a vida mais equipada. Esse modo de vida lentamente se impõe ao longo dos séculos, não porque o homem individualmente deseja, mas porque o mercado exige. Ele encarna, por assim dizer, o espírito que logo vai conduzir o homem ao mundo triunfante do mercado, cujos templos serão os shopping centers.

A Idade Média e o homem moderno

Le Goff⁸ afirma que as corporações de ofício, ao se reunirem nas catedrais – esses amplos espaços urbanos que se edificam – punham em debate as suas próprias questões: discutiam sobre a qualidade e a quantidade do que produziam, mas também, e sobretudo, como produziam. O que era específico de uma dada corporação, como a dos ferreiros, dos marceneiros, dos alfaiates, por exemplo, era particular, pontual, próprio do mundo dos negócios. Mas, também ali – nas catedrais – outro debate era travado, não sobre questões particulares, mas sobre temas *universais*, dando lugar às Universidades nascentes.

Note-se que todos esses espaços são masculinos. É o homem que cria a necessidade da guerra, é ele que luta, vence, se fere e morre. É ele que vai às reuniões das corporações, procura a melhor forma de produzir, circular e encontrar um valor mais lucrativo para os seus produtos. É ele que funda a universidade, torna-se o seu professor. É ele que edifica a igreja, pinta os afrescos. É ele que, de simples capelão,

⁶ “Consideradas as duas pausas para refeições, a jornada durava oito ou nove horas no inverno, e doze, treze ou quinze no verão. Registravam-se, porém, numerosas interrupções no calendário de trabalho, isto é, cerca de noventa dias anuais de feriado completo e setenta ou mais dias de feriados parciais. O calendário litúrgico regulava o ano inteiro; era pelas suas datas, e não pelos dias do mês, que se designava o tempo: assim falava-se do “dia de Santo André”, e não de 30 de novembro; dizia-se “três dias após São Marcos”, de preferência a 28 de abril”. Cf. <http://www.presbiteros.com.br/site/idade-media-sim-ou-nao/>, acesso em 22/02/2016.

⁷ LE GOFF, Jacques. *Para um conceito de Idade Média – tempo, trabalho e cultura no ocidente*. Trad. de Maria Helena da Costa Dias. Lisboa: Editorial Estampa, 1980, p. 54.

⁸ LE GOFF, Jacques. *Os intelectuais na Idade Média*. Trad. de Maria Julia Goldwasser. São Paulo: Brasiliense, 1993, p. 59-66.

pode chegar ao papado. Em outro plano ele é escravo, servo, homem de negócios, senhor, rei. Não é difícil, pois, concluir que a sociedade é patriarcal, seguindo o curso já vivido na antiguidade.⁹ O lugar das mulheres, e em certa medida o seu mundo, é o espaço doméstico, onde

se encontravam normalmente acantonadas no interior [...] nessa interioridade o que era a função feminina essencial: a procriação, mas também o governo dos segredos mais misteriosos da vida, que tocam no nascimento, na morte [...]. Assim, o interior da casa se encontrava naturalmente em correspondência metafórica com o corpo feminino.¹⁰

Refletindo sobre esse modo de pensar e agir individualistas, próprio do homem moderno, e se queremos situar historicamente o discurso predominante que define o pensamento sobre os sexos desde o começo (ou mais especificamente no final) da Idade Média até bem dentro do nosso tempo, devemos nos voltar para uma compreensão histórica que contextualize a construção e os usos dos gêneros sexuais em termos de prática social, particularmente à segunda metade do século XIII, quando a vida urbana já apresentava os primeiros sinais do que afirmamos ser ao mesmo tempo vida política x indivíduos isolados e agrupados.

Como afirma Fílon, “o progresso nada mais é do que renunciar ao sexo feminino pela transformação no masculino”.¹¹ Essa afirmação corrobora nosso ponto de vista e estudo sobre o feminino e sua relação com a autoridade patriarcal e como ela se constitui no surgimento do capitalismo. Para tentarmos simplificar a questão em pauta, a unimos à ideia de Bloch sobre o paradoxo da perfeição. Conforme o autor, esse paradoxo termina por levar

silogisticamente a um paradoxo ainda mais profundo, que não sou o primeiro a notar. A saber, se o feminino é elidido para o lado da carne de modo que a mulher é o corpo do homem, e se a renúncia da carne é o único meio para atingir a igualdade, então a mulher é colocada numa

⁹ SCHOLZ, Roswitha. *O sexo do capitalismo*. Teorias feministas e metamorfoses pós-modernas do patriarcado. [excertos]. Trad. Boaventura Antunes. Horleman, 2000, p. 19. Disponível em: <http://obeco.no.sapo.pt/roswitha_scholz6.htm>. Acesso em: 15/02/2016.

¹⁰ DUBY, Georges. *Eva e os padres*. Trad. de Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 2001, p. 111.

¹¹ *Quaestiones et solutiones in Genesim*, I, 8, apud Mac Donald, There is no male of female, p. 99.

posição tal que o único modo pelo qual ela pode ser igual é renunciando ao feminino ou sendo um homem.¹²

Essa foi uma das questões da linguagem e dos gêneros sexuais, antes mesmo da Idade Média e durante ela, apesar da tentativa de se estabelecer e manter a diferença sexual, de acordo com a qual às mulheres coube as funções de fiar, tecer e coser.

Sobre a passagem do feminino ao masculino, mesmo a um nível inconsciente, o vemos como uma realidade considerável de mudança econômica e social na Idade Média. A transformação da paisagem rural do século XII para a paisagem industrial que parece culminar no século XXI, é algo que precisa ser questionado e compreendido. Segundo Le Goff, não pode haver “lugar de encontro mais importante, entre o homem biológico e o homem social, que o espaço. E o espaço é objecto eminentemente cultural, variável ao sabor das sociedades, das culturas e das épocas, espaço orientado, impregnado de ideologia e de valores”.¹³

Na Idade Média há uma estreita relação entre a natureza sexuada da humanidade e o lugar da mulher na economia da salvação. A construção do masculino e do feminino respeita a noção de ordem e de hierarquia, próprios do período medieval, da qual a mulher tem uma imagem negativa e inferior em relação ao masculino. Mas esta imagem é, ao mesmo tempo, ambivalente, já que a ideia de polaridade e de superposição hierarquizada admite uma classificação binária e horizontal, fundamentada na oposição e na interdependência vertical entre homem/mulher. É nesse sentido que o feminino se movimenta dentro de sua ambivalência vindo das condições de sua construção ideológica e social.

O grande desafio do reconhecimento da mulher no espaço social é o de ser lida, analisada e interpretada como pertencente a um contexto histórico e literário singular, na medida em que lhe é reclamado um olhar de gênero fora de seu contexto.

A visão de Howard Bloch,¹⁴ comentador da misoginia medieval e da invenção do amor no ocidente, sobre a ideia da natureza das mulheres é pertinente para a

¹² BLOCH, R. Howard. *Misoginia medieval e a invenção do amor romântico ocidental*. Trad. Claudia Moraes. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995, p. 135-136.

¹³ LE GOFF, Jacques. *O maravilhoso e o cotidiano no ocidente medieval*. Trad. de António José Pinto Ribeiro. Lisboa: Edições 70, 2010, p. 55.

¹⁴ BLOCH, R. Howard. *Misoginia medieval e a invenção do amor romântico ocidental*. Trad. Claudia Moraes. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995.

discussão que se pretende neste artigo porque comenta a articulação patrística dos sexos construída a partir da analogia entre o mundo da inteligência e o mundo dos sentidos, de fundas raízes platônicas. Por esse viés, o homem é associado à mente, portanto, ao intelecto, e a mulher, ao corpo, logo aos instintos. Nessa distinção entre mente e corpo, a mulher assume os efeitos sociais específicos, costumeiramente propostos por aqueles que querem justificar a continuação de várias formas de restrições para as mulheres.

A uniformidade do discurso misógino sobre a mulher na Idade Média acaba por constituir-se importante elo entre o período medieval e o presente, se se levar em consideração que tal discurso, conscientemente ou não, ainda administra as formas pelas quais é concebida a questão da mulher.

Bloch também associa, no contexto da cosmovisão cristianizada do homem da Idade Média, o medo da feminilidade a uma desconfiança dos sentidos, pois se a mulher está associada à sensualidade, torna-se uma ameaça à razão, ou seja, cria-se uma oposição entre feminino e masculino que relega o feminino ao lado inferior – do corpo, dos sentidos, do temporal e do mundano –, em contraste com o masculino que assume o lado superior: do espírito, da mente, da forma e da divindade.¹⁵

Desse modo, vemos nesse contexto, a propósito de uma marca da diferença entre homem e mulher, a ambivalência entre o ideal e o carnal, em que primeiro sugere apontar para a perfeição da mulher, por isso ela tem que ser endeusada, casta, pura e virtuosa, e depois a simboliza do jeito que o homem a deseja, querendo o sensorial sem ferir o decoro do espiritual. Trata-se do paradoxo da perfeição, termo cunhado por Bloch, para significar que a mulher oscila, entre a perfeição e a imperfeição, em busca do equilíbrio.

O feminino e a sociedade patriarcal

A dualidade feminina não é simplesmente imaginária, é carregada de construções ideológicas, seguidoras de uma ordem político-patriarcal, com todas as prerrogativas de uma mentalidade que se caracteriza pela colocação essencialista do

¹⁵ BLOCH, R. Howard. *Misoginia medieval e a invenção do amor romântico ocidental*. Trad. Claudia Moraes. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995, p. 39-40.

saber masculino, centrado na ideia da inferioridade da mulher. A rigor, essa dualidade aponta para os modelos que fixaram as bases das relações homem-mulher, cuja regra geral se funde no interdito sexual, em que o prazer, visto como impuro e pecaminoso, se contrapõe à superioridade do amor conjugal, destinado exclusivamente à procriação.

Em si mesma há a mulher em quem pulsa a natureza. Ela tem desejos sexuais, ela amamenta, ela cuida da cria, cuida da casa, vive o dia, vive a noite, constituindo, por assim dizer, uma primeira natureza, independentemente do que lhe é projetado e mesmo absorvido como um destino ou uma saga. Mas, essa mulher separada da vida social, da sociabilidade, cala ao adquirir uma segunda natureza: aquela dos interditos projetados, supostamente como da sua constituição original. Então, o que fala nela são os interditos projetados conforme a tradição construiu, o que não é senão a dualidade: bem/mal, certo/errado, justo/injusto e, no caso das mulheres, dual, ou seja, a Maria, a cândida, a bem comportada, casta e fiel, tendo o seu contrário, a sua referência a ser negada, a pulsante Eva, a que contesta, desobedece a autoridade do pai, do marido, de Deus.

Note-se, pois, que a dualidade não pressupõe duas mulheres diferentes, mas em uma mesma há manifestação imperativa de uma ou outra, pois, pressupor que é originalmente má, seria contrariar a própria criação. Assim, o mal vem de fora, o Demônio, apossando-se das mais vulneráveis e atuando por meio delas. Todavia, a Igreja Católica, no período objeto deste artigo, séculos XII e XIII, joga muita luz na mulher Eva, descrita como fonte do mal, justificando o seu esforço para *regular, codificar, oficializar*, submeter ao seu controle moral a sociedade.¹⁶

No limite, a moral cristã acaba nomeando o mal naquela, por assim dizer, possuída: a bruxa, a feiticeira. Essa imagem demonizada da mulher é projetada, tornando-se o foco, o *metron*, o contrafeito da mulher perfeita a Maria, para quem todas deveriam mirar, mas tendo a outra como num espelho retrovisor, que não deveria sair do foco. Para Duby, o corpo, sobretudo o corpo da mulher, precisava ser disciplinado e particularmente a intimidade.

¹⁶ DUBY, Georges. *Idade Média. Idade dos homens*. Trad. de Jônatas Batista Neto. São Paulo. Cia das Letras, 2011.

Dentre as armadilhas postas pelo demônio não há nenhuma pior do que o uso imoderado dos órgãos sexuais. A Igreja entende que o casamento poderia conter essa desmedida, e então o adota, o institui [...] mas com a condição de que sirva para disciplinar a sexualidade, para lutar eficazmente contra a fornicção.¹⁷

Esse esforço para regulamentar a vida social e até a intimidade foi também interno da Igreja, que só no século XVI, no Concílio de Trento, estabelece definitivamente o celibato clerical, resultado de longo debate iniciado oficialmente no Concílio de Elvira no século IV. Este debate resultou em 81 cânones regulamentando, ao menos regionalmente, aspectos da vida dos cristãos, como o celibato para o clero, o casamento para o cristão, a idolatria, o batismo, a excomunhão, a hierarquia, bem como as normas para se julgar o herege.

A Igreja, ante o avanço das cidades, se esforça para manter sob seu controle o mundo cristão, e isso se faz no plano interno, sobretudo, pela *simonia* e, externamente, pela evangelização e por meio do combate aos hereges, tendo nas *cruzadas* e na *inquisição* as suas maiores expressões. A crescente população das cidades dificultava o controle. Segundo Le Goff,¹⁸ a população das cidades a partir do século XII cresce aceleradamente, e por volta de 1300 Paris, por exemplo, era a cidade mais populosa da Europa com cerca de 200.000 habitantes. Ante a iminência de descontrole total, a sociedade precisava do diabo,

[q]ue entrou na Europa com o cristianismo, unificando sob seu domínio uma multidão de demônios diversos vindos do paganismo greco-romano ou das numerosas crenças populares. Mas o diabo só se torna esse comandante chefe de todas as cortes do mal a partir do século XI. Doravante, ele conduz o baile dos futuros condenados. [...] A cristandade unificada confere ao “inimigo do gênero humano” um poder unificado. A heresia é seu instrumento. A inquisição será a arma da Igreja para o combater. Mas a sua presença e sua ação durarão tempo. A Europa do diabo nasceu.¹⁹

E o diabo veste saia para promover as tentações. Em sua primeira forma de manifestação foi em Eva que, a um só ato peca duas vezes, pois leva o homem a

¹⁷ DUBY, Georges. *Idade Média. Idade dos homens*. Trad. de Jônatas Batista Neto. São Paulo. Cia das Letras, 2011, p. 18.

¹⁸ LE GOFF, Jacques. *As raízes medievais da Europa*. Trad. de Jaime A. Clasen. Petrópolis, 2007, p. 147.

¹⁹ LE GOFF, Jacques. *As raízes medievais da Europa*. Trad. de Jaime A. Clasen. Petrópolis, 2007, p. 131-132, grifos do autor.

acreditar nela, o que só deveria ser em Deus, e porque manifesta a vontade de comandar, atribuição do homem concedida por Deus.²⁰ É ela quem inicialmente contesta, contraria, desobedece, e o faz porque o diabo dela se apossa e a conduz. E o motivo dele ter escolhido Eva e não a Adão é porque é a parte mais fraca, pois feita de uma parte do homem, estava num plano inferior na hierarquia para se chegar a Deus. Adão, a partir desse momento, terá de se ocupar com ela, levando-o, até mesmo, a se esquecer de Deus. Tendo Eva sob controle, o Diabo atinge o homem. Duby, referindo-se a Santo Agostinho, afirma:

Seus sucessores preferiram segui-lo em seu comentário literal no qual, sublinhando o orgulho de Adão que, ao ser interrogado por Deus, esquivou-se, não teve a “humildade” de confessar sua falta, Agostinho considerava o masculino e o feminino igualmente culpados, “desiguais pelo sexo mas iguais no orgulho” estando por isso reunidos na condenação. No entanto, para Eva, a pena é dupla: sua punição é, de um lado, dar à luz, prolongar dolorosamente a vida, pois foi por sua falta que a morte entrou nos corpos; de outro lado, estar sujeita ao homem.²¹

Assim, Eva, ao cometer um duplo pecado – seduzir e querer comandar – carrega também uma dupla culpa – dor e sujeição ao homem como condição de existência. Essas culpas originais vão se redefinindo e acrescentando-se outras conforme o tempo e lugar. Nos séculos XII e XIII, com a lenta ruptura com tripartite²² ordem social, sob a batuta do mercador há uma infinitesimal mudança no conceito de tempo que, de escatológico ou natural, passa a crescentemente cronológico, o que não é outro senão o tempo dos negócios e dos lucros. (LE GOFF, 1980, p. 70). O mercador ao estabelecer o ritmo do trabalho submete a si, ou às suas relações de produção, o controle do tempo. À mulher projeta-se outro controle ao ter que obedecer ao sinal do relógio, pois os homens são chamados para o trabalho. A hora de se levantar, preparar as refeições, educar os filhos, cuidar da casa, passa a ser marcada pelo tempo do relógio, alterando

²⁰ DUBY, Georges, *Eva e os padres*. Trad. de Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 2001, p. 54-56.

²¹ DUBY, Georges, *Eva e os padres*. Trad. de Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 2001, p. 59, grifos do autor.

²² Os *Oratores* se ocupavam da palavra, sobretudo da palavra sagrada. Eram os membros do Clero; Os *Bellatores* eram os responsáveis pela ordem; Os *Labortores* se ocupavam do trabalho na terra e a toda produção necessária à vida social. Cf. a esse respeito: Le Goff, Jacques e Truong, Nicolas. *Uma história do corpo na Idade Média*. Trad. de Marcos Flamínio Peres. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006, p. 43-60).

os pressupostos de suas atribuições, pois a sociedade começa a produzir mercadorias para um consumidor anônimo. Segundo Jappe,

[i]nicialmente foi nos mosteiros que foram criados alguns dos pressupostos indispensáveis desse processo. Na vida monástica o trabalho era um dever cristão que havia que executar voluntariamente enquanto expiação dos pecados e mortificação da carne. Já não era, como na moral pré-cristã, um mal necessário para alcançar uma finalidade. [...] Pela primeira vez atribuía-se ao trabalho um significado moral – e precisamente enquanto sofrimento. Nos mosteiros, o trabalho era acompanhado por uma organização regularizada do tempo. Esta organização fazia parte desse fenômeno mais vasto que foi a introdução do “tempo abstrato”, visível também na invenção e na difusão do relógio.²³

O produtor é masculino. É o homem quem faz a guerra, procura controlar a natureza. É ele a força produtiva e ao mesmo tempo aquele que primeiro se deixa agir pelo tempo do relógio, o que não é outro senão o do valor já definindo a alma dos negócios imanescentes. Quando as cidades renascem, elas terão as Catedrais como expressão da sua grandiosidade e, não por acaso, os relógios²⁴ ocupam lugar privilegiado em sua arquitetura. A sociedade é hierárquica, e se o relógio fica logo abaixo do arco quebrado do estilo gótico que sustenta a enorme cruz, é para ficar mais visível a todos que querem saber qual é a hora anunciada pelo sino.

Nesse plano hierárquico, a mulher ganha outro interposto, o relógio, para orientar o seu tempo. À sua imagem projetada como passiva, serena, disponível, sem logos e sem vontade, acrescenta-se essa outra: a força improdutiva, pois não produz valor.

Se avançarmos um pouco nos séculos, identificaremos melhor aquela mudança infinitesimal a que nos referimos anteriormente. Trata-se da sociedade patriarcal produtora de mercadorias que atribui às mulheres

comportamentos e sentimentos considerados inferiores (sensibilidade, fraqueza de carácter e de entendimento, passividade, entre outras) são atribuídas às mulheres e nelas projectadas, dissociadas pelo sujeito moderno masculino. As mulheres, inversamente, frequentemente se

²³JAPPE, Anselm. *As aventuras da mercadoria* – para uma nova crítica do valor. Trad. de José Miranda Justo. Lisboa: Antígona, 2006, p. 188, grifo do autor.

²⁴ No século XIII são construídos relógios nas Catedrais. Cf. <<http://www.searadaciencia.ufc.br/folclore/folclore225.htm>>.

reconheceram em tais atribuições na história do patriarcado [...]. Estas atribuições especificadas sexualmente caracterizam assim a ordem simbólica do patriarcado produtor de mercadorias como um todo. Portanto, trata-se de considerar também as dimensões psicossocial e cultural-simbólica. Não em último lugar, também com a presença da “dissociação” em ambos estes planos a dissociação-valor se revela como o princípio formal que perpassa a sociedade do patriarcado produtor de mercadorias no seu conjunto.²⁵

Quando as mulheres reconhecem as suas atribuições na história do patriarcado, não fazem outra coisa senão dizerem a si mesmas: Que viva Maria! A Eva deixa de ser o seu contrário. Ela não mais questiona, contesta, causa perigo, põe em risco a ordem. Ela, por assim dizer, vê minimizando em si mesma as duas mulheres – Eva e Maria –, “uma vez que leva[m] a que as mulheres se afastem de uma boa parte dos seus papéis tradicionais”, para assumirem uma dupla socialização. A sociedade sob as normas do mercador e, logo, do burguês submete a mulher à dupla exploração, ou à dupla jornada, pois além de assumir as tarefas produtoras de valor, continua com as suas funções originais, mas com alteração substancial em sua referência Maria e Eva. Trata-se da Maria invertida, ou seja, da Maria que abandona a sua cândida doçura para querer assumir literalmente o papel masculino: a produção do valor. Ao assumir o papel masculino, as mulheres

continuam a ser responsáveis pela lida da casa e pelas crianças, ao contrário dos homens; agora como antes, continua a ser raro encontrá-las nas alavancas de comando do poder na esfera pública; agora como antes, ganham em média menos que os homens etc. [...] Houve, portanto, uma modificação da estrutura da dissociação-valor, a “dupla socialização” ganhou uma nova qualidade. As mulheres estão agora “duplamente socializadas”, e não apenas objectivamente, como antes, mas agora mesmo na sua imagem modelo já não estão fixadas apenas à vida de dona de casa e de mãe. Com isto também a situação psíquica das mulheres se modifica, [...], mas sem que a forma da dissociação-valor tenha sido superada.²⁶

Temos assim, no plano da projeção de papéis, uma imagem, por assim dizer, distorcida. Nessa linha, se as mulheres reivindicam igualdade, podem estar

²⁵ SCHOLZ, 2016, p. 4, grifo da autora.

²⁶ SCHOLZ, 2016, p. 14, grifos da autora. Confere também da autora Roswitha Scholz, *O valor é o homem*. Teses sobre a socialização pelo valor e a relação entre os sexos. Disponível em: <http://novosestudos.uol.com.br/v1/files/uploads/contents/79/20080626_o_valor_e_o_homem.pdf>. Acesso em: 22/02/2016.

circunscritas no direito de serem igualmente exploradas pela sociedade patriarcal produtora de mercadorias. Essa situação, ao nosso ver, representa não exatamente um ganho, pois, querer igualar-se aos homens é somar-se ao processo de desumanização. Isso não significa, no entanto, desejar que a figura feminina fique à margem das *liberdades burguesas* proclamadas, sobretudo, pela Revolução Francesa, mas demonstrar que neste plano a mulher se iguala ao homem, porque é reduzida a um indivíduo que procura o *seu* valor na sociedade do mercado, condição antes masculina.

Considerações

Nos séculos XII e XIII vemos o embrião de tudo isso, quando intensificaram a domesticação de Eva, considerada contraventora. Ela foi bruxa, foi feiticeira, referências para a projeção da boa dama e da imagem de Maria. E se hoje igualar-se aos homens tem sido outra projeção da imagem de mulher, ela continua circunscrita no âmbito do patriarcado.

Por fim, talvez fosse necessária uma pergunta: Terá essa sociedade patriarcal produtora de mercadorias contribuído para elevar a humanidade? Se a resposta for negativa, então esses produtores, entre eles as mulheres, talvez deversem procurar um caminho interrogativo da imagem projetada, neste caso, pelos homens e mulheres a si mesmos. E se o curso histórico da sociedade que resultou no apoteótico homem mercantil, cujos templos têm sido os *shoppings centers*, nos leva a conclusão de que a humanidade não progrediu na mesma medida dos seus equipamentos, uma condição para se definir o que chamam qualidade de vida, então o retorno aos séculos XII e XIII pode nos ajudar a compreender a origem dessa resultante imagem projetada, sendo as suas côncavas vitrines o seu mundo aparente, compreendido como real.

Referências

BLOCH, R. Howard. *Misoginia medieval e a invenção do amor romântico ocidental*. Trad. Claudia Moraes. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995.

D'HAUCOURT, Geneviève. *A vida na Idade Média*. Trad. Marisa Déa. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

DUBY, Georges. *A Europa na Idade Média*. Trad. de Antônio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

_____. *Idade Média. Idade dos homens*. Trad. de Jônatas Batista Neto. São Paulo. Cia das Letras, 2011.

_____. *Eva e os padres*. Trad. de Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

JAPPE, Anselm. *As aventuras da mercadoria – para uma nova crítica do valor*. Trad. de José Miranda Justo. Lisboa: Antígona, 2006.

LE GOFF, Jacques. *Os intelectuais na Idade Média*. Trad. de Maria Julia Goldwasser. São Paulo: Brasiliense, 1993.

_____. *Para um conceito de Idade Média – tempo, trabalho e cultura no ocidente*. Trad. de Maria Helena da Costa Dias. Lisboa: Editorial Estampa, 1980.

_____. *As raízes medievais da Europa*. Trad. de Jaime A. Clasen. Petrópolis, 2007.

_____. *O maravilhoso e o quotidiano no ocidente medieval*. Trad. de António José Pinto Ribeiro. Lisboa: Edições 70, 2010.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. *A nova Heloísa*. Trad. de Fulvia M. L. Moretto. Campinas: Hucitec, 1994.

SCHOLZ, Roswitha. *O sexo do capitalismo*. Disponível em:
<http://obeco.no.sapo.pt/roswitha_scholz6.htm>. Acesso em: 15/02/2016.

Conf. também da autora Roswitha Scholz. *O valor é o homem*. Teses sobre a socialização pelo valor e a relação entre os sexos. Disponível em:
<http://novosestudos.uol.com.br/v1/files/uploads/contents/79/20080626_o_valor_e_o_homem.pdf>. Acesso em: 22/02/2016.

SHAKESPEARE, William. *O mercador de Veneza*. Lisboa: Publicações Europa-America, 198-. (Coleção livros de bolso Europa-América, n.506).

Submissão: Set. 2017

Aprovado: Jun. 2018